

O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elenice Aparecida Arruda da Costa Silva¹

Rita de Cássia da Silva Mendes²

Shirlene Rosana da Silva Canossa³

Andreia Ribeiro da Costa⁴

Elizangela Gonçalves⁵

Maria Eligia Guia de Arruda⁶

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar a importância do afeto no ambiente escolar, ponto importante no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem infantil, buscando analisar como o afeto contribui para o desempenho e a auto-estima na educação infantil. Repensando o papel do educador, analisando o conceito de afetividade na educação por meio de teorias referentes ao assunto. Procuramos correlacionar o papel das emoções no desenvolvimento humano racional; e estabelecer a relação entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e afetivo. Concluiu-se que a afetividade sempre fez parte da vida de todos, e a partir de certo tempo a influência do afeto na aprendizagem começou a ser estudada desde a educação infantil. O educador deve estar ciente de que a afetividade não é apenas um gesto de carinho e cuidado, mas também a expressão de sentimentos que vão além do contato físico, imbuídos do aspecto cognitivo da aprendizagem. A expressão de afeto, seja por meio de gestos ou de palavras, fará da criança um cidadão consciente e ao mesmo tempo crítico, para que se sinta socialmente integrado, cujas consequências são visíveis todos os dias.

1724

Palavras-chave: Afetividade. Educação Aprendizagem.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Anhanguera – UNIDERP, Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC.

² Graduada em Educação Artística pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Especialista em Práticas do Ensino de Artes na Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Especialista em Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais.

⁴ Graduada em Pedagogia: Habilitação em Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e em Supervisão Escolar pelo Centro Universitário – UNIRONDON, Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande - FIAVEC.

⁵ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Graduada em Artes pela Faculdade Life - FacLife, Especialista em Educação Inclusiva – LIBRAS pela Faculdade do Instituto Panamericano – FACIPAN.

⁶ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Educação Infantil com Ênfase em Educação Especial pelas Faculdades Integradas de Cuiabá – FIC.

ABSTRACT: This article aims to investigate the importance of affection in the school environment, an important point in the development of early childhood teaching and learning, seeking to analyze how affection contributes to performance and self-esteem in early childhood education. Rethinking the role of the educator, analyzing the concept of affectivity in education through theories related to the subject. We seek to correlate the role of emotions in rational human development; and establish the relationship between the stages of cognitive and affective development. It was concluded that affectivity has always been part of everyone's life, and from a certain time onwards, the influence of affect on learning began to be studied in early childhood education. The educator must be aware that affection is not just a gesture of affection and care, but also the expression of feelings that go beyond physical contact, imbued with the cognitive aspect of learning. The expression of affection, whether through gestures or words, will make the child a conscious and at the same time critical citizen, so that he/she feels socially integrated, whose consequences are visible every day.

Keywords: Affection. Education. Learning.

1 INTRODUÇÃO

A temática abordada neste artigo trata da influência da afetividade no ambiente escolar, refletindo sobre a importância desta no desenvolvimento cognitivo da criança. A identificação com esta linha de pensamento fez com que despertasse o interesse no estudo, relatando a importância da afetividade, a qual leva as crianças a terem um desenvolvimento melhor, auxiliando sua existência enquanto aluno e pessoa. Neste sentido, o objetivo principal da pesquisa foi o de verificar a influência da afetividade para o desenvolvimento do ser humano, especificamente na educação infantil. 1725

O ambiente escolar muitas vezes é o local onde a criança se encontra na maior parte de seu tempo. Por conta disso, muitos deles convivem mais com os professores do que com seus familiares. É bom ter intimidade ao falar com seu professor, até mesmo a confiança em ser abraçada. A criança recebe informações e sentimentos, é maravilhoso quando os alunos encontram um professor que transmite alegria e carinho; a escola é a segunda casa, sendo que muitas vezes eles buscam suprir a carência que falta em outros espaços.

As emoções levam as crianças a caminhos que resultarão no seu futuro, se falta afeto em casa e o aluno busca na escola, assim como também na sala de aula, ao encontrar um professor inseguro, nervoso, fica difícil a criança reagir de maneira diferente. Enquanto educadoras, com um clima aconchegante, torna tudo mais leve; um ambiente pesado e sem vida certamente será desgastante para as duas partes. O contrário disso é aquele professor

disposto, que almeja a chegada dos alunos, receberá os mesmos carinhos. É essencial fortalecer vínculos com os alunos, a afetividade fortalece a relação aluno e professor, e essa afinidade estimula a melhoria da autoestima. Se ambos tiverem sentimento de ternura se sentirão confiantes nessa convivência dentro da sala de aula, refletindo no desenvolvimento da aprendizagem.

Quando a auto-estima diminui, automaticamente passa a tomar espaços os conflitos onde surgem problemas e confrontos. Reconhecer os alunos pelos seus pontos favoráveis é sempre melhor do que criticá-los. É claro que a escola não é o grande responsável pela educação das crianças, mas é fundamental, sendo gratificante para todos os envolvidos, a saber: escola, professor, aluno, família e sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Afeto e desenvolvimento infantil

O primeiro contato da criança com a escola é um dos momentos mais significativos do trajeto educacional escolar, porque ocorre uma quebra de vínculo emotivo familiar, é o sentimento de rompimento com a família para o primeiro contato social extra-familiar que a criança vai experimentar. A entrada na escola ocorre com uma carga de novidades muito grandes, pois a criança deixará de vivenciar momentos com a família para partilhar com pessoas estranhas. Por isto, este momento deverá ser muito agradável. Este contato impactará a vida da criança para sempre e os reflexos o seguirão por todo o trajeto escolar.

1726

2.2 Conceitos da afetividade

Em relação ao conceito de afetividade, Ferreira (1975, p. 44), no dicionário Aurélio, define como:

Qualidade ou caráter de afetivo e conjunto de fenômenos psíquicos, que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

A afetividade é um estado psicológico que conecta vários tipos sentimentais que manifestarão os sentimentos mais profundos e complexos de um ser humano. É um sentimento visível na relação entre pessoas, ligadas pelo amor e pelo medo da perda, o que

acaba desencadeando outras emoções e desejos, como ciúme, ódio, inveja e saudade, entre outros.

2.3 Afetividade e desenvolvimento cognitivo

Segundo Piaget (1976, p. 16) o afeto é essencial para o raciocínio e o desenvolvimento da inteligência:

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Freire (1996, p. 96) enfatiza as características do professor que envolve afetivamente seus alunos, afirmando que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Portanto, fica evidente que quando o professor desenvolve afetividade para com as crianças, tudo se torna mais fácil. Tanto a aprendizagem quanto a disciplina melhoram se o professor tiver um bom vínculo afetivo com a turma.

De acordo com La Taille (1992), a afetividade está inteiramente ligada ao intelectual, agindo como um despertador para as motivações, as ações e a razão, por isso que muitas vezes temos mais interesse pelo que gostamos.

Almeida (2008) destaca que na concepção walloniana, o ser humano, desde o nascimento, depende do outro, com o qual se relaciona para se desenvolver. Por isso, as relações sociais são responsáveis pela a afetividade moral das crianças, sendo que “ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esses fatores em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas quanto as suas formas de expressão” (ALMEIDA, 2008, p. 347).

Para Piaget (2007, p. 21), “existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual”, assim, quanto mais trabalhada a afetividade da criança, mais desenvolvida será a intelectualidade da mesma. Ainda de acordo com Piaget (2007), a afetividade permeia o desenvolvimento intelectual, na forma de motivação e interesse,

podendo o desenvolvimento ser dividido em dois componentes: um cognitivo e um afetivo; considerados como duas peças fundamentais para os processos de ensino e de desenvolvimento adequados da criança, desencadeando informações biológicas, como sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções. O afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, tornando difícil encontrar um comportamento apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo e vice-versa.

Souza (2003) relaciona a expressão do afeto com o interesse do “eu”. Dessa forma, a identificação cognitiva permeará o entorno da compreensão da individualidade pessoal. A interação do indivíduo, do “eu” com a realidade e organização racional é definida por Piaget (2007) em quatro diferentes etapas de operações lógicas que permitem distinguir um ser do outro, frisa-se que para esta abordagem é importante atentar apenas para as duas primeiras etapas.

1. O primeiro estágio é denominado sensório-motor: ocorre de zero a dois anos aproximadamente, período anterior à linguagem. É o estágio dos primeiros hábitos motores, no qual a criança tem uma atividade intelectual sensória e motora, ou seja, não representa mentalmente os objetos, sua ação é direta sobre eles: “Ainda não apresenta afetividade ligada a representações que permitem evocar pessoas ou objetos na ausência deles” (PIAGET, 2007, p. 11);

2. O segundo estágio é denominado, pré-operacional: ocorre de dois a sete anos de idade aproximadamente. Nele a criança desenvolve a capacidade simbólica e surgem os primeiros sentimentos sociais, onde os principais instrumentos utilizados são a representação e a linguagem falada. Este estágio caracteriza-se pela inteligência intuitiva, sentimentos interindividuais espontâneos e relações sociais de submissão ao adulto;

3. O terceiro estágio é conhecido como das operações concretas: ocorre de sete a doze anos, coincide com o começo da escolaridade, apresenta modificações no desenvolvimento mental.

Piaget (2007) observa-se o aparecimento de novas formas de organização, e novas atitudes sociais, fase da estabilização. Neste período o desenvolvimento caminha do pensamento pré-lógico à solução dos problemas concretos, ocorre então o início da autonomia;

4. O quarto e último estágio é o das operações formais: ocorre a partir dos doze anos, a adolescência, caracterizado como último período da evolução cognitiva, que passa por um desequilíbrio provisório.

Os estágios apresentados por Piaget (2007) sofrem influência destes fatores externos, bem como, do meio familiar, social e econômico, fazendo com que a criança amadureça em períodos diferentes. Este cenário traz ao debate o respeito às diferenças globais e específicas, pois se trata de pessoas com a mesma idade cronológica, mas diferentes histórias de vida e diferentes idades afetivas e cognitivas.

Assim, cada estágio é responsável por reflexos e emoções pessoais e intrapessoais, que resultaram nos impulsos afetivos, em que a consciência do “eu” passará a reconhecer e identificar sinais de afeto, criando e fortalecendo o equilíbrio entre a vida afetiva e intelectual da criança.

2.4 Educação infantil e afetividade

A afetividade é responsável pelas escolhas e ações desenvolvidas pela criança, porque é através do afetivo que ela incorpora ao cognitivo e intelectual questões de valores, interesses e motivações. Dessa forma, se incorporada a afetividade no processo de educação infantil, as questões de escolhas da criança poderão ser moldadas ou alteradas de acordo com a abordagem de valores estabelecidas pelo educador, interferindo diretamente na formação pessoal e no direcionamento destas escolhas. 1729

[...] evitar despertar nas crianças determinados sentimentos negativos, como hostilidade, desprezo, ciúme e inveja que em nada contribuem para o convívio em sociedade. [...] despertando a cooperação e não a rivalidade. [...] A família e a escola têm uma participação íntima, pois são um meio favorável à aprendizagem de sentimentos que marcam a vida da criança. Por isso, já nos primeiros anos escolares, o professor deve ser competente em preparar a criança para viver em coletividade (ALMEIDA, 2008, p. 353).

La Taille (1992) identifica que as fases de desenvolvimento ou de passagem da criança para a fase adulta, além da evolução da prática dependem da consciência de regras, que pode ser dividida em três etapas, nas quais integram o lúdico e a afetividade.

1) A primeira é a etapa da Anomia – até 6 anos – não seguem regras coletivas. Interessam-se por objetos que satisfaçam seus interesses motores;

2) A segunda etapa é Heteronomia – até 10 anos – é mais comum o interesse em participar de atividades coletivas e regradas, tendem a participar de atividades uma ao lado da outra, do que contra a outra;

3) A terceira etapa é a Autonomia – compreendem claramente regras e acordos mútuos, conseguem perceber o ‘si próprio’ na cooperação ou em grupo, já desenvolvem rivalidades.

O desenvolvimento psicológico reflete na demonstração da afetividade e o meio no qual a criança está envolvida também é fator importante para este desenvolvimento:

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno (VYGOTSKY, 1998, p. 42).

La Taille (1992) também aborda que o pensamento humano só tem uma compreensão completa quando o seu intelecto está desenvolvido, unificado pelas convivências nas quais está inserida. A razão, muitas vezes, é a última esfera a ser utilizada, pois o pensamento humano está interligado a base afetiva, pois as crianças aprendem muitas vezes com os exemplos, por não terem maturidade suficiente para agir por si próprio, sendo levados pelas relações afetivas que são propulsoras no ensino aprendizagem.

Tem-se então que “a afetividade seria a primeira forma de interação, com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento [...]. As emoções são, também, a base do desenvolvimento do terceiro campo funcional, as inteligências” (WALLON, 1995, p. 42).

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente (WALLON, 1995, p. 288).

Para este autor “a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades” (LA TAILLE, 1992, p. 85).

Wallon recomenda que as interações emocionais devam “se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social” (LA TAILLE, 1992, p. 85).

Almeida (1999, p. 51), ao referir-se a Wallon, destaca “que a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”.

Nesta concepção walloniana é primordial que o educador aprenda a enfrentar o estado emotivo da criança de forma que estimule o seu crescimento intelectual, cognitivo e pessoal, destacando que tanto a emoção quanto a inteligência são fatores que impulsionarão este desenvolvimento individual da criança. Nos dias atuais, os fatores externos têm uma grande influência nesses estados de desenvolvimento, sendo que o avanço rápido da tecnologia e o fácil acesso as informações, podem interferir no amadurecimento da criança. É importante o professor estar sempre atento a essas mudanças e preparar uma aula bem formulada, pois os interesses podem ser influenciados pelo momento e o meio onde convivem. Daí a necessidade de afetividade, pois as motivações tendem a ser completadas por disposições afetivas tendo um melhor sentido e causando um certo equilíbrio.

1731

As creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...] fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas (LISBOA, 1998, p. 63).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), diz que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, art. 29). Nesse campo, o professor/educador também tem papel fundamental no desenvolvimento da afetividade. Para Chalita (2004, p. 33), “[...] afetividade é ter afeto no preparo, afeto na vida e na criação. Afeto na compreensão dos problemas que afligem os pequenos [...]”.

A família é prioridade no desenvolvimento da criança. Quando se trata do emocional, muitas vezes, ela é inserida na escola desde muito pequena, passando a

vivenciar outros cenários capazes de alterar o seu raciocínio. Sendo assim, a família está relacionada aos cuidados, facilitando esses novos vínculos que serão criados ao passar dos anos, e deve preparar a criança para a sociedade, pois na escola é um aparato de diversidades.

É importante que os familiares ajudem-na no processo de escolarização, para que possam crescer seguras e se construam seres humanos melhores, pois, de acordo com Almeida (1999, p. 50) “[...] as relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos em que a inteligência não se desenvolve sem a afetividade”. Esta ideia também é reforçada por Chalita (2004, p. 23), quando diz que “A família tem como função primordial a de proteção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos [...]”.

Os fatores destacados são de fundamental importância nas relações familiares, que apresentaram para as crianças os primeiros laços afetivos, uma vez que “o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará” (WADSWORTH, 1997, p. 23).

1732

O suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades (HILLAL, 1985, p. 18).

De modo claro e sucinto, em resumo a estas concepções apresentadas, a “inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento” (SALTINI, 1997, p. 89) e por isso mesmo deve ser levada em consideração, principalmente na escola. Pode-se entender que inteligência é um conjunto de funções, atitudes e habilidades que compõem uma pessoa, decorrentes de como elas serão formadas, já que é multidirecional e multifuncional, por exemplo, como medo e agressão são fatores que pode ser acionado se a criança não estiver recebendo carinho.

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que

garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento do si-mesmo, tanto do educador quando da criança (SALTINI, 1997, p. 91).

Segundo Rossini (2001, p. 16) “se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente da idade, sexo e cultura”. De modo semelhante, Sarnoski, (2014, p. 02) afirma que “a afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela é a mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros”. Deste modo, será aprendendo a cuidar e a controlar de forma adequada todas as emoções que o sujeito alcançará uma vida emocional equilibrada. A educação de um sujeito é construída em vários locais, sendo esses em casa, na escola e em todos os lugares em que frequenta as diferentes experiências de cada um, podem ser somadas ou descartadas, dependendo muito do valor que esse sujeito dará ao que conheceu.

O estabelecimento de condições adequadas para a interação não pode estar pautado somente em questões cognitivas. Os aspectos emocionais e afetivos são tão relevantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo interferem diretamente na produção do trabalho (ALVES, 2011, p. 3).

1733

De acordo com Sarnoski (2014) a importância da relação entre a emoção e a atividade intelectual encontra-se na sala de aula, mostrando que tanto o professor quanto o aluno poderão passar por momentos emocionais durante o processo de ensino aprendizagem. “Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos” (SARNOSKI, 2014, p. 5-6). Em na sala de aula, não cabe ao professor apenas transmitir conhecimento, uma vez que a afetividade contribui para a aprendizagem, considerando que ele conversa e escuta os alunos, e essa troca é uma atitude que incentiva o aluno a defender suas opiniões e opções pessoais.

Alencastro (2009, p. 17) reforça a ideia de que “a escola deve propiciar um espaço para reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o seu desenvolvimento por completo, considerando que a afetividade é um mecanismo que

engloba a maioria dos seus valores pessoais”. A afetividade é intrínseca ao ser humano desde seu nascimento; o relacionamento com o outro ocorre a todo o momento, independente da sua vontade.

Desse modo o professor estabelece em sala de aula uma relação de professor-aluno que requer que ele se disponibilize de corpo inteiro para poder identificar cada tipo de emoção que o aluno expressa no ambiente escolar, faz parte do trabalho do docente, por isso é fundamental o entrelaçamento de afeto professor-aluno e até mesmo com os colegas em sala de aula. De uma forma adequada a criança sendo potencializada. Constroem-se etapas evolutivas através do campo afetivo, permitindo a aprendizagem. Relacionando o ensino com as situações em que o educando está inserido seria uma alternativa, valorizando seus feitos, mesmo que não esteja suficiente perante os demais. Conseqüentemente, isso causará um maior comprometimento com as tarefas e com as pessoas inseridas na escola.

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem [...], sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blamente, que estudamos, aprendemos, ensinamos conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com emoções, com desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (FREIRE, 1997, p. 12).

1734

Para Vygostsky (2003, p. 121) nas quais “as reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo”. É intrigante usar os meios do conhecimento, para que haja paz de espírito e liberdade na escolha da matéria a estudar através das emoções do aluno. Isso o torna mais confiável e gratificante para ambas as partes.

Existe uma vasta coleção relacionada a um tema aparentemente simples. Isso nos leva a crer que, principalmente na educação infantil, o bom relacionamento entre educadora e educando marca a trajetória positiva da escola infantil/adolescente. Uma vez estabelecida uma relação de confiança, todo o processo ensino/aprendizagem torna-se mais fácil e agradável.

CONCLUSÃO

Ao abordar a afetividade na educação infantil, este artigo se propôs a dizer qual a influência da afetividade para o desenvolvimento do ser humano, especialmente na educação infantil. Verificou-se que a escola além de exercer papel fundamental no ensino aprendizagem de conhecimentos e saberes, também é formadora de cidadãos, sendo principal propulsora da cidadania. Ela é responsável juntamente com a família pela formação de caráter e valores das crianças.

É na escola que as crianças desenvolvem relações inter e intrapessoais, entram em contato com várias realidades e situações distintas ao mesmo tempo desenvolvendo amizades, conceitos, críticas e diálogos, fatores que impulsionam as ações e escolhas da criança.

Um ponto que merece destaque são as palavras de Luckesi (1984, p. 213), que afirma que “o desenvolvimento do aluno pressupõe o desenvolvimento de vários aspectos da pessoa: cognitivo, afetivo, psicológico e estilo de vida. A educação não deve pensar o que, mas como pensar”.

Para isso, o professor também deve estar emocional e cognitivamente maduro e pronto para enfrentar tais situações. É necessário relacionar o conteúdo aos valores básicos da sociedade em que os alunos estão inseridos para que haja mudanças na vida familiar, escolar e social. Porém, essa mudança só acontecerá se o aluno “conquistar” a causa em questão e isso só é feito por meio do carinho.

As medidas disciplinares nas escolas e nas famílias também são necessárias para o amadurecimento emocional/afetivo das pessoas, porque não basta ser reconhecido como cidadão. Devemos ser reconhecidos como seres humanos, cidadãos do mundo e em processo, conviver com nossos pares, adultos (professores e funcionários) e o conhecimento do mundo em que vivemos é fundamental, pois são o alicerce das relações internas e interpessoais como adultos inseridos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, C. E. **As Relações de Afetividade na Educação Infantil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://peadalvoradao9.pbworks.com>. Acesso em 08/12/2021.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus. 1999.

ALMEIDA, A. R. S. **A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon**. Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2008.

ALVES, F. **Afetividade na Prática Docente no Ensino Escolar Fundamental**. Maringá/PR – UEM, 2011.

BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M. L. Afetividade no contexto da Educação Infantil. GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos. 30ª Reunião Anual da ANPED. Anais... Caxambu, 2005.

BRASIL. **Lei nº. 9.394/96: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

1736

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

HILLAL, J. **Relação professor – aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.

LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LISBOA, A. M. J. **O seu filho no dia-a-dia: dicas de um pediatra experiente**. Vol. 3, Brasília: Linha Gráfica, 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional escolar; para além do autoritarismo, Tecnologia Educacional**. ABT, Rio de Janeiro, v. 13, n. 61, p. 6-5, nov./dez., 1984.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **Seis estudos de psicologia.** Tradução Maria Alice Magalhães D. Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

_____. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SARNOSKI, E. A. **Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem.** Revista de Educação do Ideau, Vol. 9 – Nº 20 - Julho – Dezembro, 2014. Semestral.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e Afetividade da criança na teoria de Piaget.** Tradução Esméra Rovai. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.